

Intervenções Culturais e Novas Tecnologias: Uma Nova Configuração Espaço-Temporal¹

Ana Lucia Barbosa Moraes²
José Enzo Soares dos Santos³

RESUMO

O presente estudo é resultado de alguns desdobramentos do projeto de pesquisa "Territórios, fronteiras e intervenções culturais: estudo sobre coletivos culturais no bairro da Ribeira em Natal". Este trabalho visa a verificar a pertinência do conceito de "nomadismo", tal como formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, para aprendermos como as noções de espaço e tempo são ressignificadas na experiência das intervenções culturais no bairro histórico da Ribeira a partir dos novos usos das tecnologias virtuais.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Intervenções Culturais; Nomadismo; Ribeira; Tecnologias Virtuais.

CORPO DO TEXTO

Segundo Zygmunt Bauman:

Hoje em dia estamos todos em movimento. [...] No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo, basta uma fração de segundo para conquistá-lo. Não há mais "fronteiras naturais" nem lugares óbvios a ocupar." Onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico. (BAUMAN, 1999, p. 85)

Este movimento constante, apontado por Bauman, justifica a relevância da retomada do conceito de "nomadismo" para melhor compreendermos, na contemporaneidade, as mudanças nas relações espaço-temporais, que permitiriam novas formas de experiências culturais e de subjetivação, a partir das novas tecnologias digitais.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura e Internet, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora adjunta do DECOM da UFRN, e-mail: ana.lucia.moraes@ufrn.br.

³ Estudante de graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: enzo.soares.706@ufrn.edu.br.

Em seu "Tratado de Nomadologia: a Máquina de Guerra", Deleuze e Guattari definem o nomadismo como uma forma de estar no mundo que contesta as hierarquias, subvertendo as expectativas sociais. A proposta V do tratado é assim formulada: "A existência nômade efetua necessariamente as condições da máquina de guerra no espaço." (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 50). O nômade teria território, seguiria trajetos costumeiros, iria de um ponto a outro, entretanto, o nomadismo seria caracterizado por três princípios, que o diferenciariam do sedentarismo: em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estariam subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário; em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não teria a função do caminho sedentário, que consistiria em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faria o contrário, distribuiria os homens num espaço aberto, indefinido, não comunicante. Seria uma distribuição muito especial, sem partilha, num espaço sem fronteiras, não cercado. Teria a consistência de um conjunto fluido; em terceiro lugar, haveria uma grande diferença de espaço: o espaço sedentário seria estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade seria liso, marcado apenas por "traços" que se apagariam e se deslocariam com o trajeto.

Pudemos observar, de maneira prática, como esse nomadismo está presente nos deslocamentos e nas experiências socioculturais tal como vividas atualmente, na Ribeira, durante o Circuito Cultural da Ribeira, em 17 de Setembro, 22 de Outubro e 12 de Novembro de 2023.

O Circuito Cultural da Ribeira, evento que promove a integração e a multiplicidade de intervenções artísticas no bairro histórico da cidade do Natal, que não ocorria desde o ano de 2018, voltou à Ribeira em 2023. A programação do evento contou com diferentes propostas artísticas e culturais: exposição fotográfica, apresentações de dança contemporânea e peças de teatro, shows ao vivo de artistas locais e nacionais, bateria da escola de samba Balanço do Morro, chorinho, samba e música eletrônica (*house, techno, trance*), ocupação imersiva e poética, sarau, mostra de cinema, dentre outras. Todas essas produções, ocuparam os espaços físicos em diferentes pontos do bairro da Ribeira.

Por meio da observação participante no evento, fomos capazes de experimentar como se dá o nomadismo e os processos que o formam. Por meio das redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp* conseguimos acompanhar tudo - ou quase tudo - que acontecia ao mesmo tempo dentro do evento, desde acompanhar a programação até a comunicação para saber onde pessoas conhecidas se encontravam. Nessa experiência percebemos como não existe uma linearidade ou itinerário definido dentro desse espaço. Pode-se, como fizemos, subjetivamente buscar aquilo que parece interessante e, assim, criar um percurso, cujos pontos não são pré-determinados, mas escolhidos segundo a instantaneidade das informações.

Igualmente, por meio dos *Stories*, função do *Instagram* que permite publicar rapidamente fotos e vídeos, podemos estar em um lugar sem necessariamente estar naquele espaço, tornando-nos observadores digitais e vivenciando o que ocorre fora do nosso próprio espaço através das telas de nossos *smartphones*. Decidimos também, por meio dessa observação, se vamos nos deslocar para tal espaço ou não; analisamos se o rolê está “flop” ou divertido; acompanhamos a programação para saber o que está acontecendo ou o que vai acontecer depois do evento em que estamos. O espaço da Ribeira torna-se um espaço aberto, fluido, uma vez que a simultaneidade de experiências e os deslocamentos constantes não mais definem um espaço fechado.

Por fim, os trajetos de um ponto a outro não sendo mais pré-determinados, tendem a não se repetir. Os trajetos percorridos tendem a sumir na instantaneidade do deslocamento. Observamos, portanto, que as três características do nomadismo, como definidas por Deleuze e Guattari, podem ser verificadas na experiência do Circuito Cultural da Ribeira.

METODOLOGIA

Foi realizada uma abordagem bibliográfica de autores relevantes para compreender os estudos sobre nomadismo, usos do centro histórico, relações contemporâneas com o espaço e intervenções culturais. Em seguida, foram efetuadas entrevistas com o objetivo de compreender as diferentes visões quanto às ações culturais na Ribeira, com Frank Aleixo, produtor cultural e participante do Coletivo Correntes; Henrique Fontes, produtor cultural e diretor do Casa da Ribeira, fundação que concebeu o Circuito Cultural da Ribeira; Yasmin Rodrigues, proprietária do Yaras Porto, casa noturna que abriu as portas para o Coletivo Correntes. Por fim,

baseando-nos na observação participante, sabendo que não é possível compreender como se dá esse nomadismo sem o experimentar, participamos das intervenções no Circuito Cultural da Ribeira.

CONCLUSÃO

A Ribeira faz parte do chamado "centro histórico" da capital potiguar. Um centro histórico é um espaço público carregado de significados socioculturais de uma cidade, a região carrega as marcas do tempo e das pessoas que por ali passaram. Compreender a importância desse espaço para uma cidade como Natal, é compreender a sua própria história ao longo dos anos. Entretanto, novos significados podem ser observados por meio do nomadismo cultural e digital insurgente quando observamos a experiência dos meios comunicacionais e das intervenções culturais.

À ideia de um fio condutor histórico, tal como concebida pelo Iluminismo e pelo Positivismo, opõe-se ao conceito de nomadismo, que perverte as relações espaciais e temporais com as novas formas de sociabilidade e encontros nesses espaços. Existe uma diferença no modo como se dá a experiência da cidade no espaço cultural. Existe uma mudança na própria concepção de espaço. Observa-se fortemente que os fluxos subjetivos presentes no espaço urbano da Ribeira durante o Circuito Cultural determinam o espaço mais como uma experiência a ser vivida ou criada, do que como um elemento pré-determinado.

O espaço não é regrado e a rota a ser seguida não é definida. O indivíduo, a partir de sua subjetividade, conversa com o próprio espaço e descobre o que ele pretende fazer ali. Tivemos a experiência, no Circuito Cultural da Ribeira, do nomadismo por entre as ruas do bairro. As ruas Chile e Frei Miguelinho, paralelas entre si, ganharam novas formas, na perspectiva digital do espaço geográfico. Dentro da multiplicidade de atividades culturais do circuito, era quase que impensável permanecer em um espaço fixo. Acompanhavam-se, pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*, principais meios de comunicação, os movimentos e atividades que ali aconteciam, permitindo experimentar chorinho, samba, *zamberacatu*, *techno*, quase que simultaneamente.

Existe uma concepção de que o "centro histórico" é uma parte morta de uma cidade. É necessário entender que os espaços públicos não são um problema, mas sim uma solução, como explica Carrión, "a cidade é menos um problema e mais uma solução. Precisa-se superar o estigma e o pessimismo com relação a ela" (CARRIÓN,

2005, p.1). Voltar nossos olhos para os novos tempos-espacos da Ribeira, em meio às intervenções culturais que existem no bairro, tentar compreender os novos significados espaço-temporais e as novas subjetividades advindas dessas mudanças, pode ser um trampolim para uma melhor ocupação dos espaços públicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e TRACY, Kátia Maria de Almeida, Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas, Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt, Globalização: as consequências humanas, tradução de Marcus Penchel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CARRIÓN, Fernando. El centro histórico como proyecto y objeto de deseo. EURE (Santiago), Santiago, v. 31, n. 93, p. 89-100, Aug. 2005.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia — Vol. 5, Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa, 1ª Edição 1997, Rio de Janeiro: Editora 34.